



ESPIRITUALIDADE NA TEOLOGIA DE KARL RANHER

Alaércio de Lima Nazário¹

Resumo

O artigo sublinha a espiritualidade como um elemento intrínseco no pensamento teológico de Karl Ranher. O autor aponta para a necessidade de uma nova configuração à teologia no cenário da contemporaneidade, reformulando seu modus operandi para falar ao homem hodierno. Nesse sentido, a orientação básica a ser aprendida por Ranher é a viva consciência da responsabilidade teológica frente as realidades religiosas do tempo e a preocupação genuinamente pastoral e querigmática. Dessa forma, sua teologia antropologia-transcendental é bastante atual e permite compreender a existência humana numa realidade de mundo carregada de secularismo e de pluralismos. Portanto, Ranher não concebe uma teologia sistemática divorciada da experiência espiritual do homem. Ele converge essas duas dimensões, teologia e espiritualidade, integrando-as a fundo nas entranhas e tessituras do tempo mediante um binômio transcendental-categorial.

Palavras-chave: Espiritualidade. Antropologia Teológica. Trindade. Autocomunicação.

UM OLHAR INTRODUTÓRIO

Karl Ranher é um dos mais importantes e criativos teólogos da tradição católica no século XX, teve um papel primordial no incentivo à abertura da Igreja Católica às diversas tradições religiosas, as culturas e ao diálogo com o mundo moderno. Podemos dizer que a ideia fundamental, (RANHER, 1969. p. 07) “é a da abertura transcendental do homem, espírito finito, para o mistério do ser absoluto”. Outra característica da sua obra é a própria temática que alinha sempre em torno dos problemas do homem de hoje. Assim sendo, sua teologia antropologia-transcendental é bastante atual e permite compreender a existência humana numa realidade de mundo carregada de secularismo e de pluralismos.

Um dos traço decisivo do pensamento teológico do autor é sua afirmação da Tradição, que não significa uma reprodução estéril de um dado histórico. Trata-se de

¹ Mestrando em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

152

uma genuína reflexão com uma visão e pesquisa atualizada da história: a tradição constitui, para ele, um problema de sua autocompreensão em cada tempo.

Segundo (ÁLVARO, *Perspectiva teológica* 35, 2003), “o teólogo alemão busca a novidade, não apenas por causa da modernidade, mas sim, pela sua fidelidade nas formulações teológicas, auscultando o significado das palavras, conceitos e sentenças dos primórdios da teologia escolástica na Igreja e atualizando-os para a reflexão atual”.

É importante destacar que a Igreja Católica tinha sistematizado a teologia com base na tradição escolástica, este sistema de pensamento, era em si muito inteligente, mas tinha perdido o contato com a cultura viva e a filosofia moderna. Ranher, todavia, não se desfez do pensamento escolástico, mas (RANHER, 1969. p. 10) “mostrou que o seu interesse, a sua preocupação fundante tem como objeto o homem contemporâneo”.

Desse modo, Ranher se empenhou pela inovação do pensamento teológico, visando uma reconciliação entre a subjetividade moderna e a experiência de fé. Contudo, essa experiência de fé não é resultante de uma especulação acerca de um Deus distante, incomunicável, nem tampouco, produto de uma comprovação exata a respeito dele. A experiência de fé pretende, antes de tudo, ser um convite a uma caminhada religiosa e espiritual pautada pelo encontro. Deus se revela ao ser humano sua própria essência, na medida em que o ser humano deixa-se apreender pelo mistério absoluto.

Em outras palavras, adentrar na raiz da espiritualidade cristã implica em redescobrir o mistério de comunhão e amor no qual todo ser humano chamado a viver. Nesse sentido, o cristianismo é a religião da ‘autocomunicação de Deus’, complementa a teóloga (BINGEMER, 2009. p. 27), “o cristianismo não é ensinamento sobre condições, fatos, decretos, realidades que sempre se apresentam iguais, mas é a proclamação de uma história da salvação, de um agir salvífico e revelador de Deus para o homem e com o homem. Desse modo, a revelação cristã é vista como a história das relações trinitárias de amor, abertas ao ser humano e ao mundo”.



1 O PENSAR TEOLÓGICO EM ESTREITA UNIÃO COM A ESPIRITUALIDADE

Karl Ranher percebe então a necessidade de elaboração de uma teologia que não se restrinja na transmissão da doutrina da Trindade enclausurada na concepção teológica tradicional, precisamente, a neo-escolástica, porque percebe nesta sistematização a carência de uma interpretação que contribua para um entrelaçamento entre transcendência e história. (RANHER, **Concilium** 66, 1971), preconizava uma superação em relação ao “método tradicional e escolástico, pois, era rigorosamente analítico, partia de teses já formuladas, e que bastava provar, analisava as ideias e apunha as teses já apriori formuladas os argumentos tirados dos famosos *loci theologici*.

Nesse sentido, Ranher em resolução a esse método, propõe que a doutrina teológica estabeleça uma conexão com os problemas humanos próprios de nossa época, porque a verdade que Deus confiou ao homem a respeito de si mesmo e da sua vida insere-se, portanto, no tempo e na história. Neste contexto, (JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio**, 1998, n. 11) formulou do seguinte modo:

A história torna-se, assim, o lugar onde podemos constatar a ação de Deus em favor da humanidade. Ele vem ter conosco, servindo-se daquilo que nos é mais familiar e mais fácil de verificar, ou seja, o nosso contexto cotidiano, fora do qual não conseguiríamos entender-nos. A encarnação do Filho de Deus permite ver realizada uma síntese definitiva que a mente humana, por si mesma, nem sequer poderia imaginar: o Eterno entra no tempo, o Tudo esconde-se no fragmento, Deus assume o rosto do homem.

O autor aproxima de modo harmonioso essas duas categorias, transcendência e história, que constituirão um binômio no qual ganhará um caráter transversal em todo o seu o pensamento. Para (BINGEMER, **Perspectiva teológica** 36, 2004), “Ranher traz definitivamente para baixo, para o chão da vida humana e da história o que é do alto: A vida divina, o mistério de Deus. Aí está, portanto, já presente a aproximação ranheriana entre mistério de Deus e salvação humana, que



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

estará sempre no centro de sua teologia trinitária”. A razão última que o levou a refletir e a elaborar esse tratado foi de devido o isolamento que se encontrava o núcleo da existência cristã. Pois, segundo o magistério eclesial (CIC nº 234), “o mistério da Sma. Trindade é o mistério central da fé e da vida cristã. O mistério de Deus em si mesmo. É, portanto, a fonte de todos os outros mistérios da fé, a luz que os ilumina. É o ensinamento mais fundamental das hierarquias das verdades da fé”.

Ranher (1973. v. II/1. p. 285), advertindo a respeito dessa questão, faz a seguinte observação:

Tudo isso, no entanto, não nos permitirá fechar os olhos ao fato de que os cristãos, não obstante toda a sua profissão ortodoxa da Trindade, na sua vida cotidiana são quase que exclusivamente “monoteístas”. Poderíamos, portanto, arriscar a afirmação de que, se o dogma trinitário tivesse que ser eliminado como falso, a maior parte da literatura religiosa poderia, neste processo, permanecer quase inalterada.

Tal afirmação é bastante emblemática, pois coloca em relevo o eixo central do cristianismo. Se não cremos no mistério trinitário que se revela, por conseguinte, a encarnação do logos fica seriamente comprometida. O dogma da encarnação não se trata de uma ideia abstrata de que Deus se tornou homem, pois (RANHER, 1973. v. II/1. p. 286), “sem atender para a afirmação clara da Trindade nele contida”. Assim há, portanto, uma circularidade entre o conhecimento de Jesus e o conhecimento do mistério do amor trinitário, em síntese, do mistério de Deus.

Ladaria (2005, p. 25) ilustra que “no mistério de Cristo que nos revela o Pai, encontramos-nos com a expressão do mistério insondável de Deus que, paradoxalmente, pode se dar a conhecer na proximidade de seu Filho feito homem, pode fazer-se tanto mais próximo de nós quanto maior é sua transcendência”. Jesus revelou-nos o Pai, ou melhor, mostrou-nos a si mesmo como a Palavra do Pai, como seu rosto que se tornou acessível a nós. “Quem me vê, vê o Pai” (cf. Jo 14,9).

Nele encontra-se a fotografia particularmente nova e incisiva desse Pai mediante a sua maneira de ser e de viver. Nesse caso, não se pode conhecer Deus



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

155

senão de maneira trinitária, ou seja, o cristianismo é um caminho novo e só se “desvela” plenamente na revelação do mistério do amor trinitário, compreendido pela manifestação do amor de Deus em Jesus Cristo e em seu Espírito derramado sobre a Igreja, a história e a criação. Sendo assim, (CODA, 2002, p. 31.) utiliza essa alegoria:

O Pai é a morada na qual temos de entrar, o Filho é a porta que conduz a essa morada, o Espírito Santo é a chave que abre a porta. Portanto, o mistério da Trindade, como é apresentado pela revelação cristã, é a gramática divina e transcendente do amor que nasce de Deus e que nos faz filhos no Filho, mediante o dom do Espírito Santo. Um amor que envolve nossa vida e que nos faz viver, também entre nós, a imagem do amor trinitário.

A exigência Ranheriana acerca da centralidade da Trindade na vida cristã tem como pressuposto a transversalidade que ela deve exercer em toda a reflexão teológica, sobretudo, em aprofundar o significado para a história humana. Essa questão manifesta o seu arraigado interesse pela dimensão histórico-salvífica deste mistério. Isso mostra que suas inquietações põem em relevo a necessidade de tirar a Trindade do “exílio” que se encontrava e oferecer-lhe espaço em nossa vida.

Neste âmbito, Ranher não concebe uma teologia sistemática divorciada da experiência espiritual do homem. Para o seu pensar, o estudo teológico não é imparcial, justamente, por se tratar de um fenômeno dialógico, para (TABORDA.; OLIVEIRA, 2005. p.31), “o coração da sua teologia e de sua espiritualidade, consiste, exatamente na experiência de Deus realizada nos primórdios de sua vida religiosa na Companhia de Jesus. São palavras suas proferidas anos mais tarde: a espiritualidade de Inácio, que recebíamos através da prática da oração e de uma formação religiosa, foi para mim bem mais significativa do que toda a filosofia e teologia aprendida”.

A questão espiritual foi marcante na vida de Ranher, por isso, não fica à margem em sua reflexão o compromisso com a dimensão pastoral. Merece destaque a tamanha ousadia, (RANHER, 1969. p. 05) “ele tem a coragem de olhar e



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

enfrentar os problemas, de repensar as fórmulas tradicionais, para delas tirar uma mensagem válida e realmente aceitável para o homem de hoje”.

Essa é uma peculiaridade do pensamento teológico de Ranher, ele mantém uma viva consciência da responsabilidade teológica frente às necessidades religiosas do seu tempo e a preocupação genuinamente pastoral e querigmática de sua teologia, promovendo um entrelaçamento entre a teoria e a prática, sua preocupação consiste no seguinte: (RANHER, 1969. p. 11), “que o verdadeiro teólogo não pode ser considerado de gabinete, que na sua torre de marfim estuda apenas problemas especulativos ou históricos, sem se preocupar se isso seja realmente útil para a hora presente”.

Nesse sentido, se compreende que ele integra a espiritualidade como cerne de toda sua reflexão, não como uma fuga do mundo, ou desprezo das realidades terrestre, mas mergulhando a fundo nas entranhas e na tessitura do tempo, mediante o reconhecimento da experiência de Deus através do binômio transcendental-categorial. Sendo assim, (RANHER, 1969. p. 11), declara:

Da sua problemática geral centralizada em torno do homem, do seu horizonte existencialista e da sua intuição central da abertura transcendental do homem, resulta que a teologia ranheriana é uma teologia antropológica. É evidente que ele não coloca o homem no lugar de Deus. Mas trata-se fundamentalmente de entender o homem à luz da revelação e radicalmente o homem como um ser em e para Deus.

O contributo ranheriano parte de um princípio que move a teologia, criando possibilidades de acesso à realidade da fé a partir da autocompreensão que o ser humano tem de si mesmo e de sua compreensão da totalidade do ser nas diversas situações históricas de sua vida, as quais têm tantos elementos transcendentais, portanto metafísicos e necessários, como elementos contingentes, históricos. Nesta perspectiva, (SESBOÛÉ, 2004. p. 55) reitera



I SEMANA NACIONAL DE
TEOLOGIA, FILOSOFIA E
ESTUDOS DE RELIGIÃO

I COLÓQUIO FILOSÓFICO:
Filosofia e Religião



Religião em Movimento:

Diálogo entre Teologia, Filosofia e Ciências no Século XXI

ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

157

toda a atividade teológica se inscreve em um arco que se origina na espiritualidade e encontra seu fim no trabalho pastoral. Ainda, nesse aspecto, em sua teologia, ele procura um equilíbrio entre a dimensão vertical, da relação do cristão com Deus e a dimensão horizontal da relação do cristão com o mundo.

O momento histórico tem para a Igreja um significado teológico, como chamado imediato de Deus, do qual ela não pode se afastar, é o horizonte fundamental onde Deus se autocomunica livremente à pessoa humana. A reflexão da situação presente deve ser teológica, como presente que é dado da história de salvação à própria Igreja.

A noção teológica em Ranher não se trata de um assunto meramente teórico. Por mais que ele visse a necessidade de raciocínio rigoroso e o conhecimento teológico acadêmico tradicional, sua meta não era apenas conseguir maior conhecimento, mas atuar em prol da fé, da esperança e do amor. Ele recorda que, (RANHER, 1969. p. 21), “o verdadeiro sentido da Tradição pressupõe que a Igreja busque em cada momento a comunicação com a cultura da época (...) Uma nova pesquisa na teologia é necessária: Não faltam manuais, mas falta-lhe vida”. Sendo assim, a novidade teológica está na busca de um diálogo vivo e atual com a tradição, por meio de uma teologia voltada para a antropologia. Neste horizonte desencadeia um entrelaçamento entre a atividade filosófica e teológica, o desempenho filosófico tornou-se o instrumento hermenêutico magistralmente aplicado no desenvolvimento de sua teologia dogmática. Esclarece o teólogo (RANHER, 1969. p. 94):

Pois em relação entre a filosofia e a teologia, se elas forem consideradas de modo existencial em sua prática concreta pelo ser humano, percebe-se que existe entre elas uma unidade originária que constitui a experiência humana e se situa aquém da distinção formal e científica entre as disciplinas. O homem que se interroga sobre si mesmo a partir do todo de sua existência faz filosofia. O homem que se interroga sobre si mesmo como cristão a partir da revelação faz teologia.



Nesse sentido, para Ranher (1973. v. II/1. p. 11),

uma teologia que não tenha em conta uma economia separa-se do seu chão de origem e degenera mais cedo e mais tarde num jogo de fórmulas abstratas, uma economia sem teologia, por outra parte, forçosamente se tornará superficial, pois renuncia àquela profundidade que é prisma sob o qual se há de entender toda ação salvífica.

Com efeito, a contribuição de Ranher vem clarificar que a Igreja deve transforma-se em uma comunidade de espiritualidade autêntica, este desafio também se apresenta à teologia, isto é, todos os seus impulsos para a sua reflexão lhe são dados pela situação espiritual que vive o homem da nossa época histórica, a quem ele deseja levar o evangelho, a quem ele deseja mostrar a aceitabilidade do cristianismo, e mais concretamente da Igreja católica.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Ranher deixa um grande legado à teologia em sua produção teológica, encontramos variados assuntos referentes as ciências sagradas, uma das preocupações centrais consistia em explicar a fé com profundidade e exatidão aos problemas de nosso tempo. Enfocou com clarividência que os três mistérios fundamentais do cristianismo, a Trindade, a encarnação e a graça devem ser compreensíveis a partir do homem, sem que, por esse motivo, percam o caráter de mistério ou que a encarnação e a graça não sejam mais iniciativa de Deus.

REFERÊNCIAS

ÁLVARO, P. Atualidade de uma antiga questão: A doutrina da união hipostática em Cirilo de Alexandria e Karl Ranher. **Perspectiva teológica**. 35, 2003, p.325-340.

BÍBLIA DE JERUSALÉM. (Português) São Paulo: Paulus, 2002.



ST 2: BÍBLIA E HERMENÊUTICAS

159

DENZINGER: Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007.

BINGEMER, M.; FELLER, V. **Deus Trindade**: a vida no coração do mundo. São Paulo: Paulinas, 2009.

BINGEMER, M. **Um rosto para Deus?** São Paulo: Paulus, 2005.

_____. Um Deus para ser amado: Algumas reflexões sobre a Trindade em Karl Ranher. **Perspectiva teológica**. 36, 2004. p. 125-141.

BOFF, L. **A Santíssima Trindade**: é a melhor comunidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CAMBÓN. H. **Assim na terra como na Trindade**: O que significam as relações trinitárias na vida em sociedade? Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2000.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. São Paulo: Loyola, 2000.

CELAM: **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2008.

CODA, P. **Na Luz do Pai**: Implicações teológicas e pastorais da vida trinitária. Vargem Grande Paulista, SP: Cidade Nova, 2002.

CONGAR, Y. **O rio da vida corre no Oriente e no Ocidente**. São Paulo: Paulinas, 2005.

FORTE, B. **Teologia da História**: ensaio sobre a revelação, o início e a consumação. São Paulo: Paulus, 1995.

JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio**. São Paulo: Paulinas, 1998.

LADARIA, L. **O Deus vivo e verdadeiro**: O mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. **A Trindade**: Mistério de Comunhão. São Paulo: Loyola, 2009.

MIRANDA, M. **O mistério de Deus em nossa vida**: a doutrina trinitária de Karl Ranher. São Paulo: Loyola, 1975.

_____. **Libertados para a práxis da justiça**: A teologia da graça no atual contexto Latino-Americano. São Paulo: Loyola, 1980.